

## **Do lado de cá da linha do Equador: tentavias do pensar/saber/sentir a existência docente em artes visuais**

Silvia Carla Marques Costa 

(Universidade Federal do Amapá — UNIFAP, Macapá/AP, Brasil)

**RESUMO — Do lado de cá da linha do Equador: tentavias do pensar/saber/sentir a existência docente em artes visuais** — Por essa margem de cá do Amazonas, justamente onde a linha do equador fende o mundo, apresento reflexões intimistas sobre a formação inicial de professores em artes visuais. Falo e escrevo como penso, sistematizo e operacionalizo aulas ministradas no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá CLAV/UNIFAP. Problematizo correlações atinentes aos argumentos de Visualidades, Ciência e Arte que se instituem, aferindo importância e necessidade da universidade e do professor na vida social. Assim, a condição da visualidade como força de construção/produção dos modos de ver se aliam à dinâmica de aprendizados rituais, considerando corpo, mente, sensações e, vivências de uma cultura filógina. As dinâmicas rituais sinalizam outros envolvimento e decerto mobilizam outras dimensões da existência na universidade. Assim, a orientação impulsiona tentavias da invent/Ação no horizonte da criação e autonomia docente e a vida em sala de aula. Essas ideias aliam-se pelo fazer e o pensar, de inspiração feminista com a materialidade da arte, empreendem e compõem a experiência profissional entre cartografias sentimentais na formação de professores em artes visuais. Concluo com o interesse reflexivo de fazer pensar pela prática, almejando deslocamentos e descolamentos perceptivos das relações com a educação, da arte e seu ensino no espaço acadêmico, sobretudo relações pautadas pelas vivências sensoriais.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Formação docente. Ensino de arte. Feminismos. Rituais.

**ABSTRACT — From this side of the Equator: “tentavias” of thinking/knowing/feeling the teaching existence in visual arts** — In these shores of Amazonas, precisely where the equator splits the world, I present intimate thoughts about the initial formation of teachers in visual arts. I write and speak as I think, systematize and operate classes taught in the Visual Arts Licentiate Course at Universidade Federal do Amapá CLAV/UNIFAP. I problematize correlations relevant to the arguments of Visuality, Science and Art that institute themselves, gauging the importance and necessity of the university and the teacher in social life. Thus, the condition of visuality as building/producing strength which the seeing manners combine the dynamic of learning rituals, considering body, mind, sensations and, life experiences of a phylogine culture. The ritual dynamics sign other involvements and surely put in motion other dimensions of existence at the university. Moreover, the guidance propels tentavias of invent/Ação to the horizon of teaching creation and autonomy and the life inside the classroom. Those ideas combine themselves through thinking and doing. From feminist inspiration with the materiality of art undertakes and composes the professional experience between sentimental cartographies in the formation of visual arts teachers. I conclude with the thoughtful interest to provoke thinking through practice, aiming displacements and, perceptive displacements in relations with education, art and its teaching at the academic space, especially relations ruled by sensorial experiences.

**KEYWORDS:**

Teaching formation. Art Education. Feminism. Rituals.

**RESUMEN — El otro lado de la línea del Ecuador: “tentavias” de pensar/saber/sentir la existencia del maestro en las artes visuales** — A lo largo de este borde del Amazonas, justo donde el Ecuador dividió al mundo, presento reflexiones íntimas sobre la formación inicial de los profesores en artes visuales. Hablo y escribo como pienso, sistematizo y opero las clases impartidas en la Licenciatura en Artes Visuales de la Universidade Federal do Amapá CLAV / UNIFAP. Problematizo correlaciones relacionadas con los argumentos de Visualidades, Ciencia y Arte que se instituyen, valorando la importancia y necesidad de la universidad y el docente en la vida social. Así, la condición de la visualidad como fuerza de construcción / producción de formas de ver se combina con la dinámica del aprendizaje ritual, considerando cuerpo, mente, sensaciones y vivencias de una cultura filosófica. Las dinámicas rituales señalan otra participación y ciertamente movilizan otras dimensiones de la existencia en la universidad. Así, la orientación impulsa los intentos de inventar / Acción en el horizonte de la creación y autonomía del docente y de la vida en el aula. Estas ideas se combinan haciendo y pensando. De inspiración feminista con la materialidad del arte, emprende y maquilla la experiencia profesional entre cartografías sentimentales en la formación de docentes en artes visuales. Concluyo con un interés reflexivo por hacer pensar a las personas a través de la práctica, buscando desplazamientos y desapegos perceptuales de las relaciones con la educación, el arte y su enseñanza en el espacio académico, especialmente las relaciones basadas en experiencias sensoriales.

**PALABRAS CLAVES:**

Formación de profesores. Educación artística. Feminismos. Rituales.

### **Posicionamentos e ocupações da professora que forma professores...**

Convite ou convocatória? Essa foi a dúvida quando os organizadores desse dossiê me contataram para contribuir com a escrita de algumas ideias sobre como organizo as ações educativas que realizei no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá (CLAV-UNIFAP). Com entusiasmo, aceitei o convite e, embora instigante, provocante, tanto pela lembrança do meu nome, quanto pela temática que me apetece, quando dei conta da condição ambivalente das reflexões, confesso: me amedrontei. Ao sistematizar as notas para escrever, imediatamente surgiram sentimentos investidos pela dúvida: Como e o que escrever? Para quem? Sabendo que falar sobre a ação docente no espaço universitário, não é coisa simples ou confortável. Não queria que as reflexões insinuassem prescrições ou receituário que identificam tipos e valorações, sejam teóricas ou metodológicas. Mas continuei firme no propósito, sabendo que o convite e as leituras posteriores, feito por amigos que conhecem, dialogam e compactuam de sonhos, desejos, aventuras docentes e dias melhores, nesse lugar da Instituição de Ensino Superior (IES), são forças que entusiasmaram e

instigaram a continuidade da escrita. Certamente, essas forças, chegam até mim e *quase* me tranquilizaram.

Nesse sentido, pretendo expor alguns pensamentos e sensações que se organizam em corpo e mente de uma professora que se permite ou que pretende *formar* professores de artes visuais. Contudo, enxergo esse processo a partir de impressões íntimas, colocando-me como agente da própria experimentação docente situada e, em fluxos. E adiante, além de serem particulares e intimistas, também estão suscetíveis a mudanças a qualquer outro instante com o coletivo, porém todas as reflexões são de inteira responsabilidade individual.

O sentimento é de que registrar e suscitar opiniões e experiências, nesse dossiê, é dissipar e acolher outras tantas inquietações que não apontem, nem assegurem um único modo de atuar e, sim, tentativas<sup>1</sup> de viver à docência na formação de professores. Assim, a escolha dos caminhos de escrevente foi de rememorar e fazer uma imersão teórico metodológica das inspirações e problematizações que enredam a própria prática educativa.

Início problematizando a lógica de alguns argumentos que atribuem a necessidade e a importância da universidade na sociedade. São discursos que deflagram imagens mentais sobre esse espaço, informando modos de ver, ou seja, produzem visualidades (MARTINS, 2019). Sigo para uma discussão orientada por escolhas teóricas metodológicas das abordagens rituais (PEIRANO 2015; RODRIGUES, 1996) e a materialidade da arte (ROLNIK, 2015) que tem, no horizonte antropológico da experiência, a cultura filógina feminista (RAGO, 2001; COSTA, 2014). Assim, as ações educativas investidas nessas orientações acreditam em agenciamentos tanto de deslocamentos conceituais quanto sobre as formas de aprender e ensinar no espaço acadêmico.

Nesse percurso entre anamnese e a escrita, o caminho vem ladrilhado por tentativas com desejo de evidenciar a vivência acadêmica e os percursos teóricos

pelos quais constituem a minha ação docente para além da apresentação, representação ou percepções sobre as práticas educativas (COSTA, 2011).

Considero a fluidez de consciência de como posso formar-me para formar e, que as ações de cunho educativo/pedagógico encontrem possibilidades de interação articuladas pelas sensorialidades. Por sua vez, considerando dinâmicas qualitativas de aprendizados individual e coletivo na formação de si e do outro. Posicionamento que se ocupa de otimismo e vitalidade para movimentar-se e enxergar a importância escolar e universitária como lugar de encontros para pensar, sentir, aproximar e produzir existências docentes em sentidos ampliados.

### **Alinhar pontos: visualidades, materialidades da arte e rituais**

Não há dúvida de que a discussão sobre o espaço universitário tem fervilhado atualmente, mas o debate que se impõe substantivamente na agenda para os próximos anos é: que futuro/presente estão ameaçados, especialmente, para os profissionais da educação que são formados nas IES? Embora partindo de uma pergunta, os questionamentos se expandem em muitos outros. Mas quero tocar na dimensão de esperança que alimenta a educação: Como as relações no ambiente da universidade podem acionar aliados para a defesa das IES, visando o direito de todos à educação?

Esses questionamentos, escolhidos para iniciar a discussão, não só intentam compreender a importância e a necessidades das IES na sociedade, mas, sobretudo, vem acossar quais são os modos de ver que foram e são construídos sobre esse espaço? Sobretudo nos colocando como pessoas que vivem esse espaço em suas entranhas e que, de fato, podem intervir nas visualidades de forma ativa, mas como? Somos produtores de visualidades que, por vezes, colaboramos, fortalecemos e ajudamos a produzir o espaço acadêmico através de nossas escolhas teóricas e ações pedagógicas. Ou seja, não somos passivos e, como agentes ativos, somos substancialmente criadores.

Assim, os professores fazem a universidade e, como pessoas criadoras, criam visualidades que se produzem a partir das convivências e relações pessoais nas IES. Dizendo mais enfaticamente o que desejo refletir, são as convivências institucionais, especialmente aquelas dinamizadas pelas ações pedagógicas que orientam um *ethos* acadêmico na formação de professores em artes visuais e que, embora considerando-os inerente ao processo científico, podem remodelar comportamentos e percepções sobre a existência/vida docente em artes visuais.

Essa reflexão, embora parecendo ambiciosa, não intenta o convencimento, mas enseja ampliar modos de ver considerando as sensibilidades da produção das imagens mentais, sobretudo na ideia de confrontar as visualidades que a universidade foi plasmada, especialmente como um lugar do templo do saber ou da verdade científica. Atualmente, devido à oportunidade de acesso de pessoas de várias camadas sociais, essas imagens ainda permanecem saber como são plasmadas ou gerenciadas, mesmo que as demandas sociais e culturais sejam outras, é uma questão interessante para o debate.

É muito importante levarmos em consideração o atual acesso de jovens que entram na universidade, trazendo outras possibilidades de compreensão para esse lugar da universidade. Portanto, a defesa desse lugar passa necessariamente pelo caminho de não fortalecer certos imaginários tão bem articulados sobre as IES que, em vez de aproximar, afastam, desconsideram e excluem outras formas de conhecimentos.

A discussão, portanto, organiza-se atinente à construção do olhar sobre esse espaço e vem enxergar, nas relações de convivência, especialmente as interações pedagógicas entre alunos, professores e outros, como instantes de agenciamentos e que todos somos agentes que aprendem via sensorial. Aprendizados sensíveis por vezes invisíveis, mas que impactam qualitativamente as visualidades sobre esse espaço e sobre a existência profissional de pessoas que optam pela docência.

Desse modo, embora não haja consenso e, talvez, não reivindique e nem seja possível a homogeneização de percepção, o compromisso educacional e institucional da IES deve ter no horizonte não só a condução epistêmica e técnica de se aproximar ou dominar determinados conhecimentos, visando perfis profissionais competentes, mas o compromisso com sentimentos e sensações. Nesse sentido, dão dimensões a se considerar para que abra outra possível reorganização de pensamentos, mas também de produção de vida com a docência, que se atravessa pela ontologia da experiência<sup>2</sup>.

Urge pensar essa condição ontológica da experiência, uma vez que ela impacta sensivelmente a existência das pessoas, pois é na condição da própria vida que se estabelece uma lógica própria de organização individual e coletiva. Isso é, devemos entender que há conexões, ainda não explícitas, que precisam ser reveladas ou consideradas enquanto processo de aprendizagens. São conexões que promovem ações e comportamentos em sala de aula entre percepções e sensações de viver imersivo na academia. Essa proposta vem radicalizar a noção do outro, do diferente sem fronteiras tanto de quem aprende ou de quem ensina.

Assim, problematizo imagens, visualidades e ações educativas que possam promover outros posicionamentos sobre a vida acadêmica e a formação de professores. E, talvez seja possível criar outros movimentos de vivências que estejam menos conectados ao sistema de representações, de verdades e de certezas que inculcam, modos de ver e de se vincular com a vida docente. Modos de ver que, muitas vezes, enrijecem e fecham-se em modelos que aprisionam e tornam os professores e alunos, reféns de técnicas e receitas que dizem garantir perfis docentes ideais que garantam qualidade para educação.

### **Visualidades...**

Vejamos, há *certos* argumentos que mesmo com boa intenção para mostrar eficiência acadêmica constroem visualidades sobre esse lugar que precisamos

estar atentos. Acompanho alguns argumentos nas redes sociais que se tornaram corriqueiros para garantir a eficiência acadêmica. São informações que apresentam as universidades em rankings, publicizados na Folha de São Paulo<sup>3</sup>. Ainda apontam a potencialização do uso das tecnologias de ponta para a inovação educacional. Essas informações, podem até expor aparentemente que as universidades possuem uma dimensão técnica apropriada e de excelência e, ainda, que estão equipadas com a força tecnológica do seu tempo para atender o social. Contudo, apostar exaustivamente nesses dois argumentos acaba por evidenciar aprisionamentos dos nossos modos de ver, conviver e entender o espaço acadêmico.

Esses argumentos têm um peso imagético que se faz necessário perceber e discutir. Não tenho dúvida que rankings e apreço pela tecnologia, conforme vem sendo destacado nas páginas oficiais de algumas IES. Acredito que, ao divulgarem tais resultados, as IES, intentam e vêm confrontar os ataques que a educação, de modo geral, vem sofrendo, que não defender esse espaço pode nos custar desastrosas perdas. Os ataques são de toda ordem, ininterruptos que circulam e compõem modos de enxergar esse lugar<sup>4</sup>. Na minha opinião, esses ataques geram crises nem sempre explícitas e embora sentidas, somos testemunhas dos prejuízos no andamento de atividades e atribuições profissionais acadêmicas. O que vemos é retenção e escassez de recursos financeiros, até barganhas orçamentárias que de longe tem a ver com compromisso educacional para país<sup>5</sup>.

Assistimos, sem acreditar nessa movimentação, e, às vezes, sem muito saber reagir para reter feridas e dores que sentimos no corpo institucional e no corpo físico, compartilhamos os resultados de rankings, aplaudimos as conquistas tecnológicas para tentar mostrar que a instituição é um lugar de produção, de progresso e de cientificismo e que sua manutenção é necessária e tem relevância social.

O confronto para minimizar ou destituir a imagem negativa da universidade apresentada por rankings e equipamentos tecnológicos de ponta me inquieta na seguinte questão: É só isso mesmo? Apenas *podium* e tecnologia são importantes para se ter qualidade na Instituições de Ensino Superior (IES) e, portanto, necessárias à sua existência na sociedade? Bom, ao perceber essa movimentação frenética entre rankings e tecnologia, as amostras indicam e forjam maneiras unilaterais de perceber e conviver na universidade. Explico: considerando que o cenário dantesco entre os ataques e descaso com a universidade, é imperativo que estejamos vigilantes e de fato exige uma reação, mas é preciso mais – e não só expor o escandaloso retrocesso que as universidades vêm passando. Confrontar informações e opiniões sobre as IES através da exibição de rankings das universidades e da aquisição de tecnologia de ponta nas redes sociais, enfatizando qualidade e eficiência institucional, é implodir outras conquistas que a muitas custas e lutas vêm sendo construídas.

Divulgar a importância da universidade, por meio de uma mostra *vitriçada* disposta em rankings de excelência, aliado à tecnologia, é muito limitante, além de expor as que não tem excelência, incentivando que as que não estão nesse podium possam atingir. Mas o que mais me chama atenção é o favorecimento à percepção embaçada das multiplicidades de atividades e realidades que são dinamizadas no espaço acadêmico. Ao indicar dois referentes como expoentes, supondo a potencialidade e necessidade da universidade na vida social, temos aí um desprezo considerável das áreas de humanas que trabalham com a interação e relações experienciais das pessoas, sobretudo, o envolvimento com subjetividades, modos de ver e de relacionar. Sem falar nos saberes múltiplos e diversos que nos chegam a todo momento. As imagens de rankings e de equipamentos tecnológicos modelam e nutrem percepções e sentimentos. Acredito que tais mostras, deflagradoras de imagens mentais, produzem visualidades, nutrem e modelam tanto modos de ver quanto intervêm em modos de agir.

Diante dessas colocações não é possível desprezarmos o alcance que a construção do olhar tem nas vidas cotidianas, sendo essas construções, processos intensificadores das percepções e, também, da interação universitária que promove convivências. Ao atentar para essa construção do olhar, especificamente através das imagens veiculadas pelas redes sociais, procuro advertir, mas também reconhecer, que estou nesse movimento de formação e contribuição de recriação do espaço da universidade. Espaço como ambiências plurais e de perspectivas que se pretende libertar e criar possibilidades que sejam impulsionadores para outras e novas vivências no espaço universitário.

Retomo a ideia de que mostrar a universidade contendo valorização social, revelando sua importância a partir de publicizações, mostras em rankings e em acervo tecnológico de ponta, *merece* melhor atenção reflexiva sobre as posturas e ações que essas justificativas podem implicar nos modos de ver e de se relacionar na universidade e, aqui, especificamente nas salas de aulas na licenciatura.

As pesquisas de Tavares e Barbalho (2021, no prelo) e Rodrigues (1996) ajudam a problematizar a construção desse olhar sobre a universidade quando abrem vias reflexivas para pensarmos o convívio e as experiências com o espaço acadêmico. As reflexões sinalizadas pelas pesquisadoras, além de recusar a via produtivista, capitalista e machista de percepções de um olhar técnico e eficiente sobre a universidade, respectivamente, dão-nos pistas para enxergarmos que tanto a importância de políticas públicas para o acesso e permanência de estudantes quanto as interações e exercícios acadêmicos são movimentos capazes de intervir nas visualidades institucionais e na docência.

As duas pesquisas tomaram-me de assalto, inquietando-me, levando-me a suspeitar que o incentivo de políticas públicas em relação ao acesso e permanência de estudantes e os exercícios realizados nas universidades deflagram interações de formação e aprendizados de outra magnitude. A mescla reflexiva, despontou a minha crença de que esses aprendizados se estabelecem

pelos convívios, sentimentos de pertencimento individuais e recriações coletivas. Ou seja, são envolvimentos de aprendizados de outra ordem, com outras dinâmicas de aprendizados e, por não serem mensuráveis, creio que a abordagem dos rituais qualifica essas interações e promovem entendimentos outros, para pensar a universidade e a prática pedagógica nas salas de aula.

Considero emergente, portanto, debruçar-se e refletir sobre as ações educativas – nossas, minhas – no espaço da universidade. Levar em consideração que os lugares de aprendizados são circunstanciais de como, possivelmente, vamos nos tornando e de como nos movemos, na busca incessante de nos constituir professores.

Interrogar os modos pelos quais o que dizemos fazer, como estamos fazendo e quais vínculos que as aulas são sistematizadas, escolhas teóricas e desenvolvimento e interações com as ações educativas, é, também, um processo deflagrador de outras visualidades sobre esse espaço. Repercutindo nas formas existenciais em se tornar docente. Para tanto, não é possível mais sustentar relações e conexões visuais e conviviais no espaço universitário que se vincule à transmissão, à informação e à formação asséptica e de juízo técnico eficiente.

Contrária à percepção de que a universidade tem como missão qualificar a eficiência técnica profissional do conhecimento, reivindico dinâmicas de interação interpessoal da convivência e a experiência acadêmica como um dos aspectos que solicitam deslocamentos da construção do olhar. Inclusive, gerando aliados, defensores para confrontar e defender o espaço acadêmico de intervenções perversas que hoje somos testemunhas.

O que reivindico é a interação no espaço da sala de aula na dimensão antropológica que não se vincule ao paradigma racionalista de aprendizados do aprimoramento pessoal docente da exclusividade do cognoscível ou de inspiração Kantiana, transcendental ou multiculturalista (CORRÊA; BALTAR, 2020).

O que antevijo é a radicalização da experiência com o espaço acadêmico por vias sensoriais, modos de produzir visualidades e considerar as antvisualidades para fazer pensar realidades. E, assim, reconduzir e, talvez, imaginar a existência docente a partir das aprendizagens com o experimento corpóreo e mental. Ou seja, uma ontologia da experiência que procura compreender aprendizados intencionalmente pela “[...] busca antinarcísica por uma alteridade radical e não humana, de um lado, e a tentativa de a ela conferir uma potência (ontológica) de realidade em sua pluralidade, de outro” (CORRÊA; BALTAR, 2020, p. 5).

### **Conexões de sala de aula: processos rituais e a materialidade da arte**

Nessa investida, a compreensão ontológica da experiência é aquela que não só busca representar o que se mostra real, ou supor uma possível forma de conhecer o real, mas considera outros referentes de como as próprias realidades se organizam, de modo que permita entrar, no espaço acadêmico, uma ecologia da vida pelo engajamento prático de se criar realidades. Isso quer dizer e entender que a experiência ontológica vem superar dualismos, dicotomias entre natureza universal e cultura plural dos aspectos que orientam fortemente os argumentos epistêmicos na universidade, ainda fincados na ideia de ciência, arte e educação de racionalidade ocidental.

Acredito que pensar as aulas na universidade e enxergar o espaço acadêmico com essa potência de convívio é perceber que a ontologia da experiência visa deslocar posicionamentos e considerar a “sinergia dinâmica do organismo e do ambiente, a fim de reencontrar uma autêntica ecologia da vida” (CORRÊA; BALTAR, 2020, p. 21). E isso traz em evidência os modos como as visualidades podem ser construídas, mas também reconstruídas a partir de descolamentos e, *astutamente*, desconfiarmos da própria formação em que fomos submetidos.

Acredito que as ações educativas e interações que desenvolvi na IES, admitindo vivência acadêmica disposta pela ontologia da experiência visa o engajamento prático de fazer, sentir com as coisas e mobilizar outros modos de compreender e criar mundos da docência que estão por vir e, em de vir.

A perspectiva ontológica da experiência considera as ações educativas em criações de mundos outros, mundos possíveis que desestabilizam justificativas e argumentos nitidamente hegemônicos de se pensar, fazer e existir academicamente enquanto espaço coletivo plural e diverso de saberes.

Passei a olhar a sala de aula não só pelos seus aspectos de adequação arquitetônica e estímulos profissionais. Esse lugar pode ser algo mais. Lugar de encontro. Onde a voz de cada um tivesse relevância e que os saberes que subsidiam a fala expressam saberes, modos de ver e pensar. E esses saberes específicos poderiam ressoar em processos de aprendizados.

As vivências e experiências das aulas são sistematizações que visam a transformação de modos de agir, pensar e criar novos acessos para exercícios educativos com arte. As aulas, portanto, são micro ações efetivadas no espaço universitário e, além de serem processos de comunicação, são “maneiras de ver” e expressar modos de viver.

As ações educativas na licenciatura se tornam *communitas*<sup>6</sup>, pessoas que por um tempo convivem e aprendem uma com a outra. Encontros que tem força de reconfigurar percepções sobre a existência docente na medida e que os convívios impulsionam esclarecimentos, visando a criação da vida docente.

O espaço compartilhado da sala de aula, especialmente quando procuro incentivar vivências sensoriais a partir da condição experiencial sensível, passa a figurar aspectos rituais que articulam tanto a produção de atmosfera do espaço como outro e, consigo mesmo, quanto expressam e acionam outros processos de aprender.

Os rituais possibilitam aprendizados não identificáveis entre emissor e receptor, mas trata de um auxílio inspirador que desloque a funcionalidade professoral para a participação radical onde as ações educativas e interações possam existir e possam ser examinadas em plena atitude fluida da aprendizagem com o outro. Os rituais estimulam, sem pretensiosismos, processos de tomada de voz, autonomia no gerenciamento e ordenação da fala evocando sensações, ressoando possivelmente na maneira de agir. Ou seja, são performances em que as dinâmicas das ações educativas passam a ser uma atividade social de engajamento prático e politicamente geradora.

Os rituais, portanto, são possibilidades de aprendizados invisíveis, por vezes indizíveis de se fazer aprender. Como ação contínua, os rituais criam outras realidades múltiplas, nas quais as fronteiras entre estar e conviver com o outros se estabelece em acesso e apreensão por vias sensíveis e corporais que são porosas e escorregadias. É uma espécie de mundos que se tocam sem nitidamente demarcar fronteiras (PEIRANO, 2000; 2015).

Exercícios práticos e sensoriais potencializam comportamentos que se instauram com as particularidades interpretativas e formativas em consonância com o que Peirano (2015, p. 10) adverte que: “Vivemos sistemas rituais complexos, interligados, sucessivos e vinculados, atualizando cosmologias e sendo por elas orientados”.

As ações educativas se estabelecem por instantes de encontros ritualizados, por sua vez são jogo dispostos pelas sensorialidades. Se os encontros de sala de aula se convencenam pelo dinamismo ritual, os aprendizados explodem em aprendizados que tem a ver com a disposição de manipular, trabalhar ou acessar a materialidade da arte<sup>7</sup>.

Os Rituais e a Materialidade da Arte são campos privilegiados de enfrentamento do trágico em que estamos vivendo quando o assunto é confrontar, talvez persuadir a necessidade de haver universidade e formação docente. Mas é

imperativo que outros convívios se tornem evidentes e possam plasmar outras formas de ver quando se acolhe outras vivências de interação com a materialidade sensorial da arte na formação de professores.

Para Rolnik (2015), a materialidade da arte é uma possibilidade potente de reação, ação criadora e aprendizados com intensidades de um corpo que vibra e aprende. A autora associa a essa terminologia considerando que suas reverberações se fazem entre pensar, viver e fazer ética com estética. Essa possibilidade da materialidade da arte é condição mobilizada pelos trabalhos da artista Lygia Clark, na década de 1960 do século passado, em que a sua trajetória de professora e artista concebeu as interações com objetos uma reserva racional invisível que se inscreve, povoa e germina. Expressivamente criadora, essa reserva instaurada pela vivência e experiência sensoriais, estados intensos de aprendizados, podem afetar e ampliar-se nas subjetividades.

A questão que Rolnik (2015) levanta, a partir dos trabalhos da artista, revela que as intensidades, dispostas pela materialidade da arte, entendem que a produção de aprendizados se faz em mobilizações entre a vivência e a experimentação que “[...] impede que o objeto seja simplesmente exposto, e que o receptor o consuma, sem que isto o afete”. Daí que o aspecto da materialidade da arte, considera movimentações de acesso a criação e compreensão de mundos. Podendo reorganizar os próprios posicionamentos e modos de enxergar a relação de ensino e aprendizagem, docência, educação e arte.

### **Considerações**

As perspectivas teóricas e metodológicas que compõem os encontros de sala de aula no LUGAR, acionam o meu pensar e o meu fazer educativo. Como dito, são tentativas de existência ou talvez de produzir existências outras de pertencer à docência e à formação de professores em tempos de crise.

Nessas disposições, defendo que a instituição passe a ser um lugar de encontros que de fato se esmere nas convivências e experiências que habitam corpo e mente, produzindo agenciamentos autônomos e criadores de vida menos rude, aguda e nociva no espaço universitário.

O destaque é saber que as ações educativas e os encontros de sala de aula promovem engajamento social e cultural, pautados por uma ecologia da vida pela prática ritual que vincula outros modos de interação pela experiência cultural filóloga. (RAGO, 2011).

Então, é no exercício sensorial que aprendizagens entre prática e teoria ganham novas configurações de interação em sala de aula. As aulas são rituais que partem da prática com e através do corpo, mediados pela materialidade da arte. É na interação sensorial que redesenhamos imaginários, criamos outros comportamentos e, possivelmente, deslocamos entendimentos para além dos formalismos cognitivos.

Com esse propósito, ensaio e busco pistas que visam orientar e evidenciar o envolvimento da formação de professores com sensorialidades em feitura da vida no espaço sala de aula da licenciatura. Intensifico a relação com o outro, criando atmosferas, paisagens e cenários que nos façam participantes sem hierarquias, mas sujeitos ativos da vida educativa. O destaque é estar e atravessar a vivência na universidade carregada de sensações, de sentimentos positivos, onde imaginação e criação são experimentos para nos tornar docentes.

Problematizar como as pessoas mobilizam os sentidos e os significados construídos na experiência nos anos que se dedicam a profissão docente, especialmente quando se tem na produção de vivências e artefatos os meios para pensar, refletir e intervir na própria existência docente é uma perspectiva de engajamento de uma ecologia de vida em fluidez. Ou seja, é uma perspectiva que entende que as interações na licenciatura não são finitudes em si mesmas, funcionais e utilitaristas onde forma ou conteúdo apresente pensamentos, mas que

expressam entrelaçamentos em contínuos rearranjos das experiências vividas em trajetos da existência docente.

A sala de aula, as dinâmicas educativas e as interações com os saberes formais e saberes vivenciados nessa proposição da ecologia da vida podem deflagrar e deslocar os posicionamentos de docência para vias mais autônomas e criativas. É preciso estar atento para a recusa ativa do sistema de representação.

A recusa de imaginários, imagens e visualidades sobre a docência ativa não é apenas reativa, é inventiva. Exige novos modos de compreensão com os mecanismos de geração de subjetividades de outras relações e outras experiências para viver o espaço, a atmosfera no espaço universitário. É esforço contínuo, pois, professores que são formadores de outros professores se esforçam para romper com as condições que as próprias subjetividades formaram e fomos formatados. São outras posturas, são sonhos, expectativas...

Isso requer rupturas com a condição do mando e a construção de outros lugares de pensar/saber outras práticas onde o diálogo não seja operacionalizado por prescrições, melhores indicações bibliográficas ou teorias que parecem e prometem solucionar todos os nossos problemas. É preciso estarmos com os saberes do outro, ouvindo-os para compreender as lógicas que configuram sua existência.

Operacionalizar planejamentos, ações educativas com essas proposições é fazer das vivências, sensações e experiências aporte substantivo para a formação de professores em artes visuais. Faço através de ações educativas que impulsionam aprendizados coletivos e individualizados. Assim, rituais e a materialidade da arte se convertem em ações educativas promovem a produção não só de visualidades, mas também de interação que se intensifica pelo corpo e mente.

Lembro que a proposição não indica respostas definidas, nenhuma aula é igual a outra, resultados não são esperados nem tampouco certificados. Nenhuma ação educativa é homogênea. Aqui, as reflexões e argumentos são considerações e sinalizações que se submetem sempre a outras possibilidades de conexão e vinculação. O que eu tenho de fato, se posso considerar por um instante os pés firmes, é que é a invent/Ação é um devaneio se fazer existir enquanto vida houver na experiência de se perceber docente em artes visuais.

Os rituais da sala de aula na universidade cotidianamente são revestimentos de imagens que marcam, ensinam e consolidam subjetividades e percepções de como dar aula. Exercícios, discursos e dinâmicas pedagógicas do professor formador configuram os meios por excelência de apreensão e divulgação de imaginários e imagens que constitui os acadêmicos e suas referências sobre a docência.

Interações pedagógicas são processos ritualísticos de convivência, aprendizado e produção de visualidades sobre si mesmo. Essa dinâmica são saltos cognitivos da própria formação, sobretudo criação autônoma, propositiva, disposta astutamente em recusar, burlar fórmulas que instituem verdades. A intenção é provocar e, por que não, promover outros envolvimento e convivências acadêmicas.

Defendo novos acessos a sala de sala na licenciatura com arte. O sentimento ao entrar nessa ambiência é que eu possa compartilhar entendimentos, aflições, medos e desejos com parceiros e que independente de comportamentos ou posicionamentos, nossa voz tenha audiência e que ao ser ouvido eu possa compreender a existência docente.

A expectativa de aprender a existência docente se dá pelo coletivo e por se permitir a inspirações de comportamentos, visualidades e criação docente. Sinceramente, esse modo de aprender a ensinar, ensinar arte e com arte, não resulta simplesmente da junção da Arte e a Educação, muito menos da oposição entre elas, mas da sua tradução poética de invent/Ação e interpenetração.

Vivenciar e experienciar a vida educativa e docente na formação de professores é acreditar nos processos rituais de transformação de um lugar para outro onde não se modela identidades e perfis para se tornar professor, artista ou pesquisador, mas aquele que existe em sua potência agenciadora de criação de si e do outro.

Problematizar a vida acadêmica, transversalizando os modos de interagir e produzir visualidades e ações para o envolvimento com a educação, a arte e a vida, é ritualizar encontros de sala de aula, esforço teórico que intensifica pela mobilização do sensório e do sensível que se produz na ontologia experimental da vida.

Tenho urgência e paixão pela sala de aula, pela *formação*, porém não quero só listar, levantar excepcionais debates sobre o tema ou dar a ver. Por conta e risco, quero e acredito que inventar, acionar e produzir outros trânsitos acadêmicos, vagarosamente sem espetacularização, pode acionar esperanças, desejos e, por que não, movimentos fecundos de transformação das relações que se faz urgente com o compromisso ético com o outro. Sem indicar ou condicionar comportamentos institucionais.

Recai, portanto, sobre o ensino superior, em especial os cursos de licenciaturas, não só abrir novos cursos e novas vagas, mas reconfigurar as formas pelas quais a universidade, professores e pesquisadores concebem e interagem nesse lugar. Fazendo do encontro das salas de aulas um lugar do encontro, para que, e dinamizados pelas interações vivenciais, possamos plasmar corpos, mentes e visualidades sobre existência docente. E ainda mobilizar frentes reflexivas sobre a necessidade e importância das IES.

Essas considerações vêm convocar reflexões que nos estimulem a pensar como lidamos com a construção do olhar sobre a universidade, especialmente quando esperamos que todos possam ser aliados na defesa e um lugar que me parece ser um dos poucos com disposição de ouvir os diferentes e que cada voz tenha espaço e alguém para ouvir.

## Notas

- 1 Criar, inventar palavras é, também, agir. Tomar a voz. Achado inventivo de modos de existir. São ações em tentativas das vias vivida. Quero arriscar a experiência docente em artes visuais por tentativas...
- 2 Há um compromisso de novos estudos na antropologia que não se correlacionem com a postura de ver o mundo pela perspectiva antropocena. Essa perspectiva sugere que há mundos diferentes de viver e há experiências de viver não contadas. Ver o texto de Diogo Silva Corrêa e Paula Baltar. O antinarciso no século XXI: a questão ontológica na filosofia e na antropologia. Essa perspectiva ontológica da experiência, e que procuro trazer para as aulas e, agora o texto, faz dos alunos, professores da Universidade pessoas que se preocupam e procuram viver imerso na dinâmica vivida da universidade integrado ao social e aos sujeitos que aprendem em todas as circunstâncias. Ao experienciar a vida acadêmica podendo falar a partir dos pontos de vistas das suas experiências, elas ganham autonomia reflexiva e analítica, mas sobretudo inventam os espaços e agenciam maneiras de fazer seus aprendizados um com os outros.
- 3 Informações disponíveis em: <<https://ruf.folha.uol.com.br/2019/>>; <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/universidades-brasileiras-sao-classificadas-no-ranking-de-melhores-universidades-do-mundo-1>>. Acesso em: 02 mar. 2021.
- 4 Recentemente o Ministro da Educação questionou a ação de pesquisadores e professores, afirmando que naquele espaço só existiam balbúrdias. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/os-ataques-de-weintraub-as-universidades-da-balburdia,c5f4988ad50a620e0cf0b0915a9272d6gcjhx8ci.html>>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- 5 O colapso está às vistas, desestabilizando a funcionalidade institucional e emocional em geral, resultando impossibilidades de gerenciar pesquisas, estruturas patrimoniais sucateadas, falta de qualificação e intervenções qualificadas no social. O sentimento é de desgaste e promove imobilizações.
- 6 As ideias de Peirano e Rodrigues entendem que *communitas* é uma reunião de pessoas que estão dispostas a compartilhar de sua própria experiência sem preocupar-se com indicadores de coo deve se portar e sim com a interação e o relacionamento humano.
- 7 A respeito da materialidade da arte podemos ter em perspectiva a orientação dada por alguns artistas que caracteriza a arte contemporânea, cito Joseph Beuys e Lygia Clark. Ambos os docentes impactaram o mundo da arte na década de 1960 do século passado, afirmando que o importante para arte era a compreensão de que o processo de interação provocado por objetos acessou e organizou corpo e mente. Esse aspecto, portanto, é que ambos diferentemente falam da potência e alcance da arte pela sua materialidade: as sensorialidades. Ou seja, o que estava como proposição artística não era produto e, sim, o processo pelo qual as pessoas se sentiam e formulavam suas interações. Eles buscavam uma ampliação do seu trabalho como agentes sociais, propositores de energia potencial, em que todos devem ter o direito do sujeito criador e o reconhecimento do homem livre em um mundo livre.

## Referências

CORRÊA, Diogo Silva; BALTAR, Paula. O antinarciso no século XXI: a questão ontológica na filosofia e na antropologia. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 123, p. 143-166, dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.11227>. Acesso em: 02 mar. 2021.

COSTA, Claudia de Lima. Os estudos culturais na encruzilhada dos feminismos materiais e descoloniais. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 44, p. 79-103, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/elbc/n44/a05n44.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

COSTA, Silvia Carla Marques. “*Ser professor/a*”: um estudo de representações orais e visuais de um grupo de licenciandos da UNIFAP. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual. Goiânia, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/2764/1/Dissertacao%20Silvia%20Carla%20Marques%20Costa.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2021.

MARTINS, Alice Fátima. *Outros fazedores de cinema*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.

PEIRANO, Mariza G. S. *Análise antropológica de rituais*. Brasília, 2000. Disponível em: <<http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie270empdf.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

PEIRANO, Mariza; MACHADO, Lia Zanotta. *Etnografia e rituais*. Texto apresentado no seminário "A etnografia na trajetória de Mariza Peirano e Lia Zanotta Machado", do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, em 15 de abril de 2015. Disponível em: <[http://www.marizapeirano.com.br/diversos/2015\\_trajetoria\\_mariza\\_e\\_lia.pdf](http://www.marizapeirano.com.br/diversos/2015_trajetoria_mariza_e_lia.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2021.

RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógina. *São Paulo em Perspectiva*. [online]. 2001, v. 15, n. 3, p. 53-66. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000300009>> <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000300009>>. Acesso em: 18 maio 2020.

RODRIGUES, Lea Carvalho. *Da sala de aula a defesa de tese: processo, ritualização e legitimação do conhecimento, uma etnografia na Unicamp*. 1996. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Campinas, SP, 1996. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279039/1/Rodrigues\\_LeaCarvalho\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279039/1/Rodrigues_LeaCarvalho_M.pdf)> [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279039/1/Rodrigues\\_LeaCarvalho\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279039/1/Rodrigues_LeaCarvalho_M.pdf)> Acesso em: 03 jun. 2016.

ROLNIK, Suely. *Lygia Clark e o híbrido arte/clínica*, 2015. Disponível em: <<https://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/Artecli.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

TAVARES, Marianna C. C.; BARBALHO, Maria Goretti C. *A assistência estudantil universitária no Brasil: direito, favor ou investimento?* Goiás: UFG, 2021. (no prelo)

### **Silvia Carla Marques Costa**

Doutora em Sociologia. Mestre em Arte e Cultura Visual. Especialista em Instituições Culturais. Professora da Universidade Federal do Amapá. Tem interesse por questões da visualidade e processos de aprendizagem na formação inicial e continuada de professores em artes visuais. Abordagem acerca das relações estéticas nos mundos da arte e poéticas nos processos culturais nas cidades. Atua principalmente nos seguintes temas: Processos educativos em Arte, Poéticas Sociais, Feminismo, estéticas urbanas e cotidiano.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4263-9227>

E-mail: [silvia3unifap@gmail.com](mailto:silvia3unifap@gmail.com)

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6038079327109593>

*Recebido em 2 de junho de 2021  
Aceito em 9 de agosto de 2021*